

A INTERCULTURALIDADE NA EDUCAÇÃO FORMAL CIGANA

Sheila de Souza Moreira¹

RESUMO: O presente artigo pretende contribuir para identificar as barreiras de ensino-aprendizado e trabalhar com o tema relacionado à Educação Intercultural do contexto enfrentado por crianças ciganas da etnia Calon. O tema do presente artigo está voltado para pesquisa da Educação Intercultural e aborda elementos culturais históricos e sociais do povo cigano sob vários aspectos: nomadismo, sua origem, chegada ao Brasil, identidade, perspectiva étnica e cultural, educação formal e sua relação com a cultura cigana. Propor a análise e a compreensão das barreiras interculturais em relação à educação formal, os desafios no processo ensino-aprendizagem para os povos orais, analisando os pontos de tensão no processo educacional, a relação entre a sociedade envolvente e as crianças ciganas, suas relações sociais de comportamento como um povo que sofre discriminação e preconceito, bem como os estereótipos que foram criados e adquiridos em relação a este grupo étnico em específico. Proponho também a necessidade de uma educação diferenciada e baseada na educação intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: Ciganos; história; cultura, educação; escola formal; comunidade étnica.

INTERCULTURALITY IN FORMAL GYPSY EDUCATION

ABSTRACT: This work intends to contribute toward identifying the teaching-learning barriers of intercultural education in the context of Romani children of Calon ethnicity. It discusses numerous aspects of Romani culture, including nomadism, origin, arrival in Brazil, identity, ethnicity, cultural perspective, formal education and its relationship with the Romani culture. It proposes the analysis and understanding of barriers in relation to formal education, challenges in the teaching-learning process for peoples of oral tradition, analyzing stress points in the educational process, the relationship between the surrounding society and Romani children. It also examines their social behavioral reactions as a people suffering discrimination, prejudice, and stereotypes that have been created and acquired in relation to their culture. It suggests that there is a need for a differentiated education based on intercultural educational theory.

KEYWORDS: Gypsies; Roma; history; culture, education; formal education; ethnic communities.

INTRODUÇÃO

No Brasil, conforme dados do censo de 2011 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que a população existente de ciganos é de oitocentos mil e a porcentagem de não letrados é de 90%². Os ciganos da etnia Calon, Rom e Sinti podem ser classificados como nômades, seminômades ou sedentários; possuem culturas, línguas e costumes próprios; e sua forma de ensino-aprendizado é a forma oral. Baseando-se nestas

¹ Especialista em Antropologia Intercultural. E-mail: msheilasouza@yahoo.com.br

² Importante mencionar que o censo de 2022 do IBGE não incluiu os ciganos, sendo necessário atualizar dados que já duram 12 anos.



informações é que se levanta a seguinte questão de pesquisa: quais são as barreiras que existem com relação à cultura cigana e a educação formal?

O propósito desse artigo é identificar as barreiras de ensino-aprendizado e trabalhar com o tema relacionado à Educação Intercultural no contexto do povo cigano da etnia Calon. Esta pesquisa tem a intenção de propor uma análise e compreensão destas barreiras em relação à Educação formal. Ainda pretende apresentar uma compreensão dos reflexos do preconceito e discriminação que existe na educação formal, a relação entre a sociedade não cigana e as crianças ciganas com as reações sociais de comportamento como um povo que sofre preconceito. Faz-se pertinente uma leitura antropológica, analisando paradigmas e preconceitos sobre alguns estereótipos que foram criados e adquiridos em relação a esta cultura, analisando o impacto do nomadismo com relação à educação formal, bem como verificando as causas do choque cultural que existe entre a cultura cigana e a educação.

Esta pesquisa é relevante, pois contribui para a visibilidade do povo pesquisado, trazendo uma oportunidade de melhor compreensão no processo de ensino-aprendizado, além de proporcionar relevante contribuição teórica no espaço acadêmico, através de estudos já realizados com esta temática. Na sociedade, será relevante no processo do conhecimento do povo cigano, viabilizando novas práticas que superem as atuais barreiras estabelecidas, oferecendo uma nova visão sobre o povo cigano, que hoje é tratado como um povo invisível.

A metodologia utilizada no sujeito de pesquisa será descritiva, pois serão abordados assuntos pertinentes a sua cultura, tais como: história, identidade e educação. Seu embasamento teórico será fundamentado em exaustiva pesquisa bibliográfica, utilizando-se de renomadas referências que darão consistência e fundamentação a este trabalho. Abordando o projeto de forma qualitativa, a lógica de pesquisa será indutiva.

Esta pesquisa faz-se necessária no cenário brasileiro, especialmente em relação à educação formal cigana, a baixa escolarização e o insucesso escolar devido a inaptações sociais, conflitos e barreiras culturais: lingüísticas, de comunicação, preconceito e exclusão.



O presente trabalho tem primeiramente, como fonte de dados a observação direta *in locu* de fatos sociais ligados a identidade e aos aspectos culturais e educacionais do povo cigano Calon. Um povo que possuem diferentes culturas, línguas, costumes que marcam sua trajetória de vida sendo milenar. São marcadores culturais que os identificam como ciganos e os unem a cada geração, fazendo com que sua identidade não seja roubada por nós os não ciganos. Os ciganos são marcados por discriminação e preconceitos que são caracterizados pelos estereótipos surgidos durante sua caminhada pelo mundo e pelo Brasil e por sua forma de viver, sendo livre. Muitas das informações foram adquiridas no período de quatorze anos de convivência com o povo cigano e com as crianças na comunidade, nos mais variados contextos e situações: visitas aos acampamentos, conversas informais onde pude compreender o contexto do povo e como as crianças interagem com a sociedade que estavam ao seu lado, através de relatos das mães em relação às dificuldades e barreiras que os impediam de frequentar a escola formal. As maiores barreiras são: o preconceito, choque cultural e nomadismo. Muitas mães de acampamentos que visitei por diversas regiões do Brasil relatam que crianças ciganas não são tratadas com igualdade diante das crianças brasileiras, sofrem discriminação por serem ciganas, por vestirem suas roupas coloridas, por usarem dentes de ouro. Tem o fator do nomadismo, pois o tempo que viajam são maiores do que o tempo que podem frequentar a escola formal. Outro fator é o currículo escolar que não viabiliza as crianças a oportunidade de interagirem com sua cultura, histórias e também sua língua, o marcador cultural mais importante para o povo e motivo de orgulho da cultura, o que causa um distanciamento e a dificuldade de aprendizagem.

Além disso, foram utilizados dados e interpretações de pesquisadores como Moonem (2013), Fonseca (1996), Simões (2007), Souza (2010), Teixeira (2000) e outros que foram utilizados neste trabalho para relatar a história, origem e preconceito e discriminação do povo cigano. Logo em seguida foi abordado sobre perspectivas étnicas e culturais do povo cigano por alguns autores como: Hall (1992), Barth (2011), Fasito (2006), Mota (2015), Geertz (2008) e outros de pesquisadores de campo, buscando compreender a construção da identidade étnica desse povo e os elementos identitários definidores de sua identidade cultural. Investigar questões pertinentes sobre identidade étnica que contribuirá para a aquisição da compreensão de como as fronteiras da barreira cultural, o preconceito e estereótipos interfere na inserção dos ciganos na educação formal brasileira.



No último capítulo foram abordados as barreiras culturais entre a educação formal e a cultura cigana, pelos autores: Mota (2015), Guerra (2012), Gabriel (2007), Cardoso (2001), Aranha (1989), Freire (1987) e outros que contribuíram para este trabalho.

No âmbito educacional, possibilita informações das implicações dessas diferenças culturais no processo de alfabetização e letramento das crianças ciganas e propõem a mediação cultural pela educação intercultural para inter-relacionar mundos aparentemente opostos em um processo de comunicação eficaz. E por fim a conclusão, uma proposta de uma educação intercultural que permita a descoberta e criação de novos conhecimentos e saberes onde o povo irá ser beneficiado por ser uma educação onde sua identidade e cultura encontram forma e liberdade para instruir, ter continuidade e se expressar livre de preconceitos.

HISTÓRIA DOS CIGANOS

Até hoje não há unanimidade quanto ao assunto povo cigano, por ser um povo cuja matriz cultural não inclui a palavra escrita, é através dos documentos e pesquisas produzidas pelos não-ciganos que os historiadores, antropólogos, educadores e outros podem contribuir para construção da sua história. Entretanto há uma considerável concordância de que a origem da etnia cigana se deu na Índia, o antropólogo Moonen (2013, p.4) afirma que:

Não resta dúvida alguma que os ciganos são originários da Índia, de onde saíram em sucessivas ondas migratórias uns mil anos atrás. No início do século XV migraram também para a Europa Ocidental, onde quase sempre afirmavam que sua terra de origem era o “Pequeno Egito”. Hoje sabemos que esta era então a denominação de uma região da Grécia, mas que pelos europeus da época foi confundida com o Egito, na África. Por causa desta suposta origem egípcia passaram a ser chamados “egípcios” ou egitanos, ou gypsy (inglês), gitan (francês), gitano (espanhol), etc. Mas sabemos que alguns grupos se apresentaram como gregos e atsinganos, pelo que também, ficaram conhecidos como grecianos (espanhol antigo), tsignanes (francês), ciganos (português), zíngaros (italiano).

Do mesmo modo a jornalista Fonseca (1996, p.104), diz que:

A origem indiana dos ciganos é conhecida dos estudiosos desde o século XVIII, quando os lingüistas europeus se deram conta de que havia em seu meio gente que falava uma língua oriental. Istvan Vali, um pastor húngaro, fez a ligação em 1753, ano que passou na Universidade de Leiden. Foi aí que Vali encontrou e entrevistou três estudantes de Malabar, na costa do sudoeste da Índia. Deles



compilou um léxico de mil palavras (não existe registro desta lista), quando voltou a Hungria descobriu que a população rom local as compreendia.

Conforme Simões (2007, p.18) saíram mais precisamente na região setentrional da Índia:

O povo cigano é identificado na história a partir do ano III a.C. Existem sinais que localizam sua origem no norte da Índia, mais exatamente na região do Punjab, onde hoje se encontra o Paquistão. A partir do século XII, os ciganos se dividiram pelo mundo em dois ramos: o asiático (ciganos da Palestina) e o europeu (ciganos da Pérsia e da Armênia), os quais posteriormente se espalharam por toda Europa.

De acordo com Moonem (1996), a quem afirma dentre várias suposições que os ancestrais ciganos tenham saído de suas terras por conta de guerras e conflitos, suposto motivo que gerou as migrações e pelo qual os ciganos saíram rumo à peregrinação pela vida. Os ciganos perambularam por toda a Europa, sendo perseguidos, expulsos ou deportados por vários países, sofrendo discriminação e preconceito, por serem diferentes, por usarem trajes típicos de cores berrantes e gostos extravagantes, terem ofícios poucos tradicionais e falarem uma língua própria incompreensível, fugiam as normas sociais, passaram a serem vistos e designados como vagabundos, trapaceiros, adivinhadores.

Para Bauman (1995, p. 99-100) “o vagabundo foi uma praga para a modernidade mais jovem, um ogre que precipitou governantes e filósofos num frenesi de instauração da ordem e de legislação”. Ele admite que o vagabundo não se submetia a amos e, razão pela qual devia ser combatido, pois ficavam fora de controle, condição intolerável para a modernidade. “Os vagabundos livres de vínculos tornavam imperiosa e urgente a busca ao nível societal da nova ordem dirigida pelo Estado.”(p. 99-100).

De acordo com Lima (2008, p.35): “Todos os racismos são construídos com base nas diferenças”. Os ciganos com conduta diferente dos conceitos da época tornaram-se um problema por serem um povo de origem obscura e destino incerto, sem religião, imprevisíveis e pela sua aparente liberdade de movimentos. De acordo com Sousa (2010, p.17):

Com a sua conduta pouco compatível com os valores culturais dos espaços por onde a sua errância os levava, os incorrigíveis ciganos, de origem obscura e destino incerto, com uma língua incompreensível e origem desconhecida, sem

72



religião e com os poderes mágicos das mulheres para prever o futuro e rogar pragas, não aceitaram ser: nem presos por serem ciganos, nem que lhes retirassem os filhos para que fossem educados de acordo com a moral cristã, os valores e bons costumes da sociedade que os acolhia; nem tão-pouco aceitaram os atestados de boa conduta que confirmavam, através de um processo simples e nada complexo, o direito a possuí-lo. Foram, por tudo isto, os verdadeiros culpados da maré repressiva que sobre eles se abateu ao longo de toda a sua história.

Eram vistos como gente sem ética e valores, corrosivos e destruidores da moral e bons costumes, que não se deixavam domesticar, com conduta incompatível com os espaços e fronteiras de onde chegavam. A sociedade local sentia-se ameaçada pelo conflito do seu mundo com o mundo externo trazido pelos ciganos. O encontro de duas forças antagônicas que, no confronto de poder hegemônico desembocou na segregação racial e estigma dos ciganos.

Dando continuidade a este assunto Fraser (1992 apud MOONEN, 1999, p.6) comenta: “Quando se consideram as vicissitudes que [os ciganos] encontraram, porque a história a ser relatada agora será antes de tudo uma história daquilo que foi feito por outros para destruir a sua diversidade – deve-se concluir que a sua principal façanha foi a de ter sobrevivido”.

Segundo Melo (2008), a história escrita sobre os ciganos não chega há um milênio e foi marcada por constantes políticas de repressão e exclusão, a fim de negar-lhes a identidade, “como por exemplo no “século das luzes” na Europa, onde muitos foram forçados a uma sutil forma de genocídio, a assimilação, com a substituição dos nomes, proibição de falarem a sua língua e contraírem matrimônio entre si.” (p.42)

Foi a partir dessas ações de exclusão social europeia, principalmente através da Inquisição que os ciganos chegaram a Portugal, e de lá às terras brasileiras. Os primeiros ciganos a chegarem ao Brasil vieram degredados de Portugal. Depois de serem perseguidos e expulsos ou deportados por vários países da Europa, chegando à Espanha e de lá a Portugal, como o governo português não tinha como deportá-los de volta, eles foram enviados para as colônias. (TEIXEIRA, 2000).

Sua chegada ao Brasil também não possui registros com exatidão. A documentação conhecida data de 1574, quando o cigano João Torres e sua mulher e filhos foram banidos para o Brasil, “por conta de uma sentença que determinou sua expulsão de



Portugal apenas por ser cigano” (SHIMURA, p. 46, 2014). Somente em 1686 foi regulamentada a deportação de ciganos para o Maranhão e em meados do século XVIII, determinou-se o envio de ciganos para outras capitais começando pelo Nordeste, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro daí vindo a espalhar-se pelos demais estados. (TEIXEIRA, 2000).

Conforme Shimura (2014 p. 40) “o povo cigano não é homogêneo culturalmente, mas apresenta uma imensa diversidade étnica, cultural, lingüística e religiosa. Essas diferenças demonstram a multiculturalidade cigana”. Por alguns fatores históricos, o povo cigano dividiu-se em muitos grupos, porém estudiosos consideram três divisões principais: calon, rom e sinti. Pode-se também considerar outros grupos como: os dom, lom e os banjaras. Mas os mais numerosos no Brasil são os calon e ron (SHIMURA, 2014).

Nomadismo

Para melhor entender o contexto de vida do povo cigano se faz necessário pela sua forma de organização tribal, que os antropólogos chamam de sociedade segmentada: os povos nômades. A sociedade segmentada é sociedade baseada nas relações de parentesco. O conceito de segmentado foi usado por Durkheim (*apud* SAHLINS, 1974, p. 29): falamos de ‘sistema segmentado’ não apenas porque é composto de segmentos combinados, mas também porque é constituído apenas disso: sua coerência não é mantida de cima através de instituições políticas públicas (como por uma autoridade soberana). Um conceito abrangente pode ser que em:

Qualquer sociedade em que o tipo de vida é caracterizado pelas necessidades de viajar sistematicamente para a sobrevivência. São povos que trabalham, casam, educam filhos, envelhecem, movendo-se. Isso não significa que eles viajam o tempo todo, a maioria não, mas a cultura deles é caracterizada pelo fato de serem viajantes. A principal diferença entre os nômades e os povos estabelecidos é o como eles pensam, e não as distancias por eles viajadas (MYERS; PHILLIPS, 2003, p. 8).

Eles formam sociedades pequenas e independentes, separadas do mundo estabelecido, onde fora da tribo, todos são estrangeiros. É a necessidade de viajar para sobreviver que molda esta independência.

Algumas características desses povos nômades são citadas por Myer e Phillips (2003, p. 12): falta de apego a uma casa, cidade ou lugar. A riqueza está nas suas habilidades



ou criações. A segurança vem por fazer parte de uma grande família, não em imóveis e bens fixos. As verdadeiras casas são aquelas que podem ser carregadas ou tecidas. Procuram se importar com seus próprios problemas e não gostam que os povos sedentários, nem suas estruturas e organizações interfiram neles. São orgulhosos de sua cultura singular. Possuem rotas de migração regulares. Pelas dificuldades são reconhecidos pela habilidade de sobrevivência, resistência e flexibilidade. Formam núcleos comunitários compactos com normas e regras rígidas de moral e convivência. Goldefarb (2013, p. 68) descreve que: “os ciganos também vivem em “bandos” ou “andam sempre em grupo”, costumes pensados como “coisa de origem”, o que naturaliza as diferenças e aponta sua eterna relação como nomadismo” (*grifo do autor*).

Ciganos são também reconhecidos como nômades prestadores de serviços: são os que em suas viagens oferecem serviços ou vendem produtos às pessoas. Viajam sistematicamente para negociar. Viajam como músicos, artesões, comerciantes, ferreiros, etc. São etnicamente fechados, casam-se apenas entre si. (MYERS; PHILLIPS, 2003, p. 11).

Preocupam-se somente o necessário para sobreviver. As pessoas estabelecidas os vêem como pessoas diferentes, separadas, menos limpas e menos confiáveis, temidos por serem envolvidos com magia negra e serem adivinhos. Uma grande parte deles tem a sensação de que são um povo amaldiçoado, que foram banidos de suas terras e condenados a viver como andarilhos para sempre. Mas se orgulham de serem seus próprios patrões e da sua liberdade. “O nômade experimenta o mais amplo sentimento de liberdade” (SCHEPIS, 1996, p. 27).

A viagem para os ciganos é essencial, podendo até afirmar-se que faz parte de sua realidade cultural, social e econômica. Souza (2001, p. 26) coloca que:

O viajar é, acima de tudo, um estado de espírito, donde, mesmo no caso de um a família ter de ficar durante meses, ou até anos, fixa em determinado lugar, ela sente-se mais confortável sabendo que poderá mudar no momento em que apetecer: a terra é minha pátria, o céu o meu teto e a liberdade minha religião, eis que como definem sua condição. Os modos de vida podem revestir em três formas: o nomadismo, a semi-sedentarização e a sedentarização.

Viajam em grupos de famílias, que possuem um profundo sentido de união, solidariedade e companheirismo. Têm normas e regras rígidas de moral e convivência, que garantem a união e a sobrevivência do próprio grupo e a defesa contra as difamações e



perseguições das populações dos diversos países por onde passam. Com este forte sentido de união garantem que sua cultura e tradições permaneçam vivas até os dias atuais. De acordo com Pereira, as questões de sobrevivência como grupo têm sido a maior luta dos ciganos, há muitos séculos: “enquanto que para nós, gadje (não ciganos), a nação implica numa delimitação geográfica e em instituições unificadas, para os ciganos a consciência de comunidade lhes confere unidade mesmo sem ter pátria” (PEREIRA, 1985, p. 50).

Os ciganos sustentam através de milênios, que tem o mundo como pátria. Segundo Pereira (1985, p. 102):

Qualquer lugar onde os ciganos chegam, sentem que ali é seu mundo, ali é sua terra é sua pátria, até que se vá para outro lugar. Temos sempre presente o horizonte. Mesmo os ciganos que nunca viveram em viagem têm essa sensação. O que nos impulsiona a andar é algo que brota do íntimo, do interior. É é incontrolável.

O nomadismo cigano proporciona entendimento de como as interações da vida cotidiana, suas dificuldades, a habilidade de sobrevivência, resistência e flexibilidade se transformam numa luta simbólica entre eles na busca da sua identidade e da aceitação ou resignação da definição da sua identidade pelo outro.

PERSPECTIVA ÉTNICA E CULTURAL

Após um breve relato da história das origens do povo cigano, o artigo objetiva buscar entender a construção da identidade étnica desse povo e os elementos identitários definidores de sua identidade cultural. Investigar questões pertinentes sobre identidade étnica que contribuirá para a aquisição da compreensão de como as fronteiras da barreira cultural, o preconceito e estereótipos interfere na inserção dos ciganos na educação formal brasileira.

Com a diáspora, os ciganos tiveram de assimilar traços da cultura que os acolhiam, língua, trajes e costumes e preservar suas dinâmicas sociais, culturais e étnicas, o que nos leva a pensar como isso influenciou as gerações futuras e os ciganos no Brasil?

A diáspora cigana permitiu multiplicidade de lugares de “referência e com as lutas simbólicas e políticas, para definir a localidade/lugar de pertença, em contextos históricos



de deslocamento. Estes lugares eram pontos temporários de pertença e de identificação, de orientação e de instalação”. (SOUZA, 2010, p.18)

Os ciganos se espalharam por diversos países, mas até hoje aonde chegam vivem como uma minoria étnica dentro de um território estrangeiro, dentro da dicotomia estruturalista “nós” e “eles”.

Conforme Silva (2014, p.82):

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção supõem e, a o mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar.

Silva (2014) dá continuidade afirmando que “as classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade” (p.82). Para ele, dividir e classificar significa hierarquizar e a mais importante maneira de classificação se estrutura em torno de oposições binárias, ou seja, em torno de duas classes polarizadas. As características determinantes e fundamentais de como somos como seres humanos, a compreensão de quem somos é designada pela identidade única dos indivíduos. Nos ciganos ela é plural, pois se soma aos conceitos e representações reproduzidos socialmente pelos não- ciganos, que se baseiam em frutos da sua imaginação, em ritos, mitos e mistérios, que são desconhecidos dos próprios ciganos. ”A imagem do “cigano” é o espelho em negativo da sociedade ocidental, sedentária e moderna, que inscreve seu diacrítico no corpo do indivíduo (e seu grupo).” (FAZITO, 2006, p. 691). Segundo Hall (1992) “As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” (p. 110). E acrescenta, “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de incerteza que é *preenchida* a partir do nosso exterior, pela forma através das quais nós imaginamos ser vistos dos outros” (p. 10/*grifo do autor*).



O povo cigano se reconhece pela tradição, um povo, uma etnia que luta para manter seus valores e normas comportamentais por meio da repetição, para gerar uma continuidade por meio do passado, mesmo sob a influência das sociedades modernas.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS,1990, p.37-38).

O conceito de ciganos como raça, etnia, parte da consideração de nação como um conjunto de mitos, símbolos e práticas culturais, alicerçados num mito fundacional, verdadeiro ou não, pela história partilhada ou um destino comum. São suas memórias do passado, o desejo por viverem em agrupamento e a perpetuação da herança cultural que os unifica, dando o censo de pertença á uma grande família nacional, como identidade nacional ou “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1989). Num discurso que constrói sentidos, influencia e organiza a formatação das diferenças e das singularidades, são as histórias, contadas acerca da nação, que ligam seu presente ao seu passado, permitindo a construção de imagens acerca dela e satisfaz as necessidades inter e intrapessoais de coerência, de estabilidade e de síntese, que asseguram uma permanência na existência.

Eles se reconhecem na relação com os outros, dos quais se delimitam pelas diferenças. Barth (2011) diz que: “se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com os outros, isso resulta em critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão” (p.195).

A modernidade, a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas da cultura nacional, tornando-as mais plurais, diversificadas e unificadas pela assimilação. Nesse sentido as identidades são um processo, sempre relacionais e incompletas. Surge um esforço de transitar entre a tradição e a tradução, que aceita que as identidades estão sujeitas a mudanças da história, da política e das representações.

Segundo Hall (1992):

Tradução é um conceito que descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes



vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno o passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades (p. 24).

A identidade representa os pontos de encontro de dois elementos contrários, se mantém e se transforma pelos confrontos e tensões com o outro de tal forma que, não pode ser reconhecida isoladamente, mas apenas em relação à oposição binária, se reconstrói nas interações sociais surgidas desse encontro.

A identidade cigana é construída a partir do outro, reconhecendo a si mesmo no outro e com o outro. Têm uma consciência de pertença em um grupo étnico, que se constitui a partir da transitoriedade e instabilidade, da interseção da necessidade de se ligar ao outro em detrimento da necessidade de diferenciação do outro, e nas negociações para tentar transpor os limites estabelecidos por essas fronteiras. A identidade étnica é levantada de forma a ordenar e nomear essas diferenças que adotam como elementos de representação, suas especificidades culturais e seu estilo de vida, dos outros existentes na sociedade global.

Quando se fala sobre o tema cultura, se torna algo complexo, porém, “o fato é que não existe uma “cultura cigana” padronizada e homogênea, os ciganos podem ser encontrados em diferentes partes do mundo (SHIMURA, 2014, p. 33). Entretanto nenhuma comunidade ou grupo cigano é igual ao outro, existindo assim alguns elementos culturais coletivos conectando um ao outro, estabelecendo a unidade do povo. “Cultura é apenas um meio para descrever o comportamento humano, seguir-se-ia que há grupos humanos, isto é, unidades étnicas que correspondem a cada cultura” (BARTH 2011, p. 187).

De acordo com Geertz (2008) pode se entender que cultura: “[...] um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (p. 66).

Os ciganos representam uma nação, um povo, uma etnia, divididos em vários grupos étnicos que tem sua unidade sustentada pela identidade coletiva. “Etnia é o termo



que utilizamos para nos referirmos as características culturais, língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” que são partilhadas por um povo” (HALL, 1992, p.17).

Essas características são marcadores da identidade étnica, considera a dimensão religiosa, lingüística, matrimonial, ritos de nascimento e morte, os modos de vida, modelos de conduta adotados e seus valores simbólicos, os modos de falar, festas e tradições etc. O povo cigano tem seu valor nas suas raízes culturais, o nomadismo, sua musicalidade, sua língua, costumes e conceito de família, sem isso deixam de se reconhecer como ciganos.

Os ciganos têm na sua língua um importante marcador cultural. O idioma cigano, o romanê, é uma língua ágrafa, ou seja, uma língua ou idioma sem a forma escrita, os acontecimentos, conhecimentos e saberes perpetuavam-se através da transmissão oral. Alguns estudos forma concluídos em finais do século XVII, os quais confirmaram que a sua língua, deriva do sânscrito e, possui muitos elementos comuns ao híndi e outras línguas do Norte da Índia (COSTA, 2001). Sua perpetuação conta somente com a transmissão oral de uma geração para outra, de pai para filho. É proibido ensinar a língua aos não ciganos, pois têm nela uma forma de proteção e preservação. É um forte elo cultural. Ela é caracterizada como “um código, onde estão embutidos ou relacionados diversos fundamentos culturais, conceitos cosmovisão, contos, segredos, e com isso o seu “tesouro identitário étnico” (SHIMURA, 2014, p. 36, *grifo do autor*).

Ainda com base em Shimura (2014), os ciganos têm o desejo de integrar-se á sociedade nacional, mas sentem-se rejeitados por ela e conservam mecanismos de auto exclusão onde afirmam sua identidade, sendo um dos principais a sua língua e que, intrínseca ou extrinsecamente ao povo cigano, “as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam” (BARTH, 2011, p. 188).

Segundo Melo (2005, p. 99-100) o fato da língua “ter sobrevivido a milhares de anos de perseguições, interdições de uso da língua, violência de governantes aos seus costumes e, sobretudo, contato com outros povos, mantendo ainda hoje vestígios da língua tronco, é prova de a lta capacidade de adaptação da língua”.



No aspecto religioso não há uma identidade única entre todos os ciganos, não existe uma religião oficial, apesar de o povo manifestar uma religiosidade, seja de forma coletiva, no grupo ao qual pertence, seja como indivíduo.

Com uma herança religiosa sincrética, têm uma compreensão acerca de Deus bastante peculiar. Conjectura-se que a relação ciganos/Índia influenciou e ainda influencia a religiosidade deste povo, observa-se diversos elementos hindus os sistemas de crenças ciganos (SHIMURA, 2014, p.31).

Para este autor, o hinduísmo pode ser considerado como uma religião ancestral, e por isso, a ideia de divindade hindu e cigana está totalmente relacionados. Cada família faz de sua religião uma cultura própria, e por não possuírem uma cultura uniforme e homogênea, não possuem e não seguem um padrão religioso. No Hinduísmo, a maioria dos devotos concentra “seu culto num deus particular” (WILKINSON, 2011, p.169). Sendo assim, cada deus faz parte de algo maior, uma substância divina única, Bhramam. E por esta razão, segundo Shimura (2014), podendo ser entendido como monista, politeísta, panteísta ou até monoteísta. Sobre o assunto,

Narayanam (2009) ainda esclarece que

os hindus acreditam em muitas manifestações do divino. Embora a maioria se declare monoteísta, seus templos e altares domésticos têm muitas divindades. Em alguns textos hindus diz-se que o ser supremo é inefável e para além de nome, gênero e forma. Outros concebem o supremo como homem perfeito ou como mãe primordial. Alguns veneram o ser divino como meio homem e meio mulher ou como uma família de divindades. A crença de que o divino está não apenas além de gênero e nome, mas também além de número, resultou em sua manifestação em muitas figuras e formas: como homem ou animal, como árvores ou como combinações destes seres (p. 62).

No Brasil é comum a prática do sincretismo religioso entre os ciganos, possuem liberdade religiosa, cada grupo ou indivíduo segue a religião de acordo com sua preferência. A maior parte dos ciganos no Brasil se denomina católico devido á forte tradição religiosa que foi estabelecida num longo processo histórico no país, herança dos colonizadores europeus. São devotos de Santa Sara Kali, nossa Senhora Aparecida, que recebe a posição de deusa, na França é chamada de Santa Sara Kali e na Índia é a Devi Kali, a deusa Mãe universal, a alma Mater dos hindus. Há uma mistura religiosa, onde superstições, santos, deuses, entidades, espíritos e líderes religiosos são incluídos no sistema de crenças. Convivem, se relacionam com todas as religiões.



Sistema organizacional: Clã

A base organizacional do povo cigano parte do entendimento de pertencimento à grande família cigana Calon, o seu clã. O conceito de Clã que vem da palavra gaélica clann, significa "crianças", ou mais especificamente, "crianças de uma família". Clannad é uma forma estendida da palavra clann, e que pode ser traduzida por "família". Os grupos baseados em parentesco, dependendo de sua cultura e situações, se autodenominam como clãs, tribos ou bandos. A maioria como clã. O clã é a grande família cigana Calon, e base da organização do povo.

O Clã configura um grupo de pessoas unidas por parentesco e linhagem e que é definido pela descendência de um ancestral comum, que é um símbolo de unidade. Seus membros o reconhecem como membro fundador ou ancestral maior, mesmo que os padrões de consanguinidade forem desconhecidos. Na grande maioria, como nos dos ciganos os clãs possuem um líder oficial, tal como um chefe, patriarca ou matriarca. Na grande maioria o homem é a maior autoridade e o líder do grupo, sendo escolhido por sua sabedoria, capacidade física e poder de negociação, necessários para sobrevivência do grupo.

De acordo com Barth (2011, pg. 193-194), “[...] os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional”. A trajetória dos ciganos na família é marcada por três acontecimentos importantes: nascimento, casamento e morte.

O Nascimento

Um cigano só terá importância para o clã quando se casar e tiver filhos, a procriação é fundamental para eles, porque o nascimento de uma criança é considerado a continuação do povo. Torres ((2004, p. 28)) diz que “Os clãs são a grande família cigana, são à base da organização do nosso povo”. Para a família é importante quando o primogênito do casal é homem, pois com ele o pai ganha autoridade e prestígio, dando continuidade ao nome da família. As crianças representam na verdade o maior tesouro e



alegria da nação cigana, pois são elas que garantem a sobrevivência e a perpetuação deste povo milenar, a certeza de que as tradições serão mantidas e perpetuadas. (Torres, 2004).

Pereira (1985, p. 47) destaca que:

A família é, para o povo cigano, um dos mais importantes fatores de sua cultura, de subsistência mesmo e, para eles, o amor a família está acima de tudo. Todos os membros da família são valorizados: as crianças, a quem os ciganos amam e têm o importante papel de levar adiante a existência do grupo.

Cada bebê que nasce é festejado e passa por rituais de prosperidade e proteção. As crianças vivem em total liberdade, brincando, interagindo com seu meio. Esta criação livre e ao mesmo tempo com regras, assegura que, ao ficarem jovens e adultos, não se desgarrem do seu povo. Acompanham seus pais em todas as ocasiões e participam de rituais e festividades. Hoje em dia, as mulheres já têm seus filhos em hospitais, mas o sentido ritualístico que cerca o nascimento não é de maneira alguma deixado de lado. Mesmo que alguns ciganos costumem batizar seus filhos em igrejas católicas para obter aceitação em nossa sociedade, o batismo cigano será o mais importante para eles. A escolha dos padrinhos se constitui em algo bastante sério, diante das responsabilidades de que se reveste o apadrinhamento. E as expressões de sua religiosidade na relação com as instituições religiosas de certa maneira se restringem aos batismos (SIMÕES, 2007). Toda criança tem um santo protetor.

Costuma-se dizer que as crianças ciganas terão, em princípio três nomes: um nome secreto, só de conhecimento da mãe, com quem esteve em intimidade durante toda a gestação. O nome do batismo cigano, que é de conhecimento do clã, um apelido que pode ser engraçado, ou ainda um nome que tenha a ver com qualquer particularidade da criança. E o terceiro nome, que ela irá usar somente no mundo dos não-ciganos.

As crianças ciganas são marcadas pelas tradições ciganas e, por isso mesmo, têm nítida consciência de sua ciganidade. Para os ciganos a família é sagrada, constituindo em uma base forte na qual os ciganos encontram alento para seu viver e para perpetuação da cultura. (Mota, 2015). A criança cigana chega à fase adulta repleta pelos mais nobres sentimentos de amor filial para com seus pais, constituindo motivo de orgulho para todos esta singular característica.



Casamento

Desde que as crianças nascem, seus pais e avós começam a prepará-las para o casamento. “O casamento entre ciganos tem tanta importância, chega a ser considerado ponto de honra que as mulheres e homens permaneçam solteiros têm, dentro das tribos, uma posição menos valorizada” (PEREIRA, 1985, p. 56). Existe um desejo prioritário dos pais que é o de casá-los com outro cigano ou cigana. “Em essência os ciganos não aceitam a poligamia e isto diz respeito á mulher e ao homem” (PEREIRA, 1985, p. 56). Os compromissos, na maioria dos casos, são realizados com vistas à endogamia e são acertados entre as famílias quando os filhos são ainda bastante jovens.

Desde pequenas, as meninas ciganas podem ser prometidas em casamento. Os acordos normalmente são feitos pelos pais dos noivos, que decidem unir suas famílias. O casamento é uma das tradições mais preservadas entre os ciganos Calons, representa a continuidade da raça, por isso o casamento com os não ciganos não é permitido em hipótese alguma (MOTA, 2015). Quando isso acontece, a pessoa é excluída do grupo (embora um cigano possa casar-se com uma não-cigana, isto é, uma mulher não cigana, a qual deverá, porém, submeter-se às regras e às tradições ciganas).

Os casamentos são firmados em acordo entre dois clãs. O pedido de casamento é feito por parte do pai do pretendente, que demonstrando o interesse de sua família em se ligar por meio da união de seus filhos, à outra família. “Esses “arranjos” entre as famílias, em nossa percepção, além de elementos culturais, também estariam presentes aspectos econômicos, o que denota a preocupação deles com a manutenção do status social intra-grupo” (SIMÕES, 2007, p. 78).

As festas ciganas de casamento podem durar no mínimo três dias (TORRES, 2004), uma semana e até quinze dias, dependendo da condição financeira das famílias, e são celebrados com muita festa. Os ciganos mais tradicionais iniciam a festa com um grande almoço, onde são servidos pratos típicos à base de assados de carnes diversas. Sempre há muita música e dança e, no primeiro dia da festa, nota-se a presença dos não-ciganos, que são bem-vindos ao clã.



Hoje em dia, os casamentos podem ser realizados em igrejas. Para a cerimônia religiosa a noiva veste o tradicional traje branco, comum também às noivas não ciganas. Algumas brincadeiras são realizadas em torno da noiva que, recolhida a um compartimento da barraca, sala ou quarto, é oferecida por ela uma simbólica quantia em dinheiro, simbolizando a compra da noiva. A brincadeira consiste em tentar baixar significativamente o valor estipulado pelo guardião da noiva, que insiste em valorizá-la pelos seus dotes naturais e pela sua beleza física. Realizada a compra, a noiva é entregue à família do noivo, e, após a cerimônia, o casamento é consumado.

É pelo casamento que os ciganos entram no mundo dos adultos, além disso, os noivos não podem ter nenhum tipo de intimidade antes do casamento. (MOTA, 2015, p. 29). A prova de virgindade será avaliada pelas mulheres mais velhas, pelas mães do noivo e a matriarca do clã. O povo tem uma moral conservadora, a mulher cigana casa-se muito cedo. A virgindade é muito importante para os ciganos que acreditam que a mulher carregará para o casamento boa sorte e bênçãos para o marido e os filhos que terão. Terminada a prova de virgindade, os pais da noiva recebem os cumprimentos de todos os convidados e uma enorme bandeira é erguida em honra da mais nova mulher do grupo. Caso a noiva não seja virgem, ela poderá ser devolvida aos pais.

Os homens se reúnem para erguer a tenda dos noivos, sua nova moradia em família. Geralmente o jovem casal, muitas vezes com menos de vinte anos de idade cada um, passa a viver na tenda ao lado dos pais do rapaz. Este costume visa adaptar o novo casal para a rotina familiar.

Morte para os Ciganos

A morte de um ente querido, familiar, amigo ou simples integrante do grupo, causa pânico entre os ciganos. Martinez (1989) relata que os ritos que seguem a morte, nas sociedades tradicionais, são vinculados a idéia da vida além da morte. Este é um momento de grande unidade no clã, onde se consolam uns aos outros, especialmente os familiares diretos do falecido. “O luto pode ser guardado de uma maneira muito rígida durante três dias, oito, nove dias, ou então durante 12 ou 15 anos”. (MARTINEZ, 1989, p. 94-95). Há diferentes reações entre tipos diferentes de mortes: natural, doenças, assassinato ou acidente. Quando um ancião morre de morte natural todos participam do velório, tanto



crianças como adultos. E o grupo se conforma com o fato com maior facilidade. Mas se o motivo for assassinato, pode acontecer que os familiares do falecido planejem vingança.

Em alguns grupos, no caso da morte de uma criança, outras crianças não podem participar do velório. A morte também envolve o luto. Em alguns grupos ciganos, o luto é manifestado através do uso de roupas pretas durante anos (especialmente por partes dos parentes mais próximos), abstinência de festas ou de quaisquer outros tipos de prazeres. Há grupos Calons, que procuram “anestesiá-lo” o sofrimento embriagando-se e chorando durante dias, semanas e até meses.

Poucos ciganos nômades no Brasil aceitam a possibilidade de que um cigano possa ir para o inferno, mas acreditam que o céu é destino certo para todos. Por um período após o falecimento, o morto permanece na terra e visita os lugares em que viveu, e o clã lhe faz rezas para que sua alma retorne para o lugar que lhe foi enviada. (TORRES, 2004). Apesar da visão otimista do destino pós-morte do falecido (possível relação com a crença religiosa hindu na reencarnação), têm grande temor da morte. É costume queimar as roupas e pertences dos falecidos.

A EDUCAÇÃO FORMAL BRASILEIRA E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA CIGANA

Nesta seção abordo as barreiras culturais entre a educação formal e a cultura cigana, mais especificamente os ciganos Calons. De posse destas informações, pode-se entender melhor e adentrar no conhecimento do universo da criança cigana da etnia Calon.

Há dados estatísticos de que ciganos podem ser encontrados em todas as regiões do Brasil. Estima-se que a população cigana, no Brasil, ultrapasse os 800 mil, uma vez que a cultura nômade ainda persiste em muitas comunidades. Estima-se ainda que 90% dessa população sejam analfabetos. O Censo 2011 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) identificou e constatou a existência de acampamentos em 291 dos 5.565 municípios brasileiros.

Abordo educação aqui como um processo de desenvolvimento da capacidade intelectual dos seres humanos, já a educação formal, pensando em seus processos formalizados de ensino que se faz presente no ensino escolar institucionalizado, associado



quase sempre à escola como o espaço físico onde se transmitem e partilham conhecimentos cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturados, um processo único, em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, organizados num ordenamento de conteúdos separados em áreas uniformes e distintas, com o significativo nome de disciplinas.

Os ciganos chegam à essa escola formal, um grupo socialmente desfavorecido, uma minoria étnica com fortes traços culturais, com inaptações sociais, num contexto de vida nômade e transmissão de conhecimentos pela oralidade, o que causa sérios conflitos e estabelece várias barreiras culturais: lingüísticas, de comunicação, preconceito e exclusão. O conflito do processo de educação formal Brasileira com o contexto de vida dos ciganos se reflete na baixa escolarização e no insucesso escolar. “A escola brasileira, não conseguiu ainda, ser pensada a partir da diversidade cultural. Poder-se-ia supor, que essa desconsideração pelas diferenças nos currículos escolares brasileiros, ocorra por um processo de fixação identitária” (SIMÕES, 2007, p. 62).

Em se tratando de ensino-aprendizagem no contexto da interação entre culturas diferentes um fator a ser considerado é cada indivíduo participante desse ambiente ponderar sobre a importância da identidade cultural de seus envolvidos. “A escola não só impõe valores diferentes daqueles que são vinculados pela cultura cigana como também supõe uma dinâmica de aprendizagem totalmente diferente da existente em culturas tradicionais” (GUERRA, 2012, p. 15).

De acordo com Souza (2001) só se é possível construir ou melhorar as relações interpessoais com as crianças ciganas da etnia cigana, através do reconhecimento da sua cultura, do combate a qualquer forma de discriminação e da prioridade que se deverá dar ao ato educativo sobre o ensino. “A escola deve incluir a discussão de valores culturais em seus projetos e planejamentos de aulas para arquitetar uma nova cultura escolar que valorize e perceba o diferente” (MOTA, 2015, p. 82).

Para a etnia cigana, a escolarização das suas crianças em contextos escolarizados não assume um grau de importância elevado, o que leva a uma baixa frequência escolar das crianças. A realidade material ou física do povo cigano é encarada por um aspecto fatalista, vivem à margem da sociedade, sem consciência de seus direitos e deveres como cidadão,



sem esperança e muito sofridos, assim desprovidos de alcançar todo o seu potencial como membros da sociedade.

A itinerância dos ciganos é também um fator desencadeante das barreiras culturais em relação à educação formal. O nomadismo e o medo do choque cultural, de ver seus costumes tradicionais confrontados com costumes locais afastam as crianças ciganas da escola. A diferença entre a educação familiar e a escola leva os pais a desconfiarem da escola e da sua função educacional que pode ser destrutiva a sua cultura. “Sua organização esta associada á liberdade e á vida comunitária á rigidez e repetibilidade das obrigações escolares viradas para objetivos e resultados de longo prazo” (GUERRA, 2012, p. 12).

Outra preocupação do povo cigano em relação às barreiras culturais é a lingüística, pois a cultura cigana é ágrafa e por isso a educação de pais e filhos é transmitida oralmente no contexto da família, sendo o contrário da escolarização, onde é transmitida da forma escrita. Segundo Souza (2001, p.40) afirma que:

Está é uma das razões porque a criança cigana é muitas vezes considerada inadaptada e oferece resistências, no contexto de escolarização, á aprendizagem autoritária de um saber transmitido por uma pessoa estranha á família. Na instituição escolar a criança cigana experimenta a conflitualidade com outras crianças não ciganas e com os professores.

Os ciganos é um povo de cultura oral, fazendo assim que os alunos não se identifiquem com a escola pela distância da cultura ensinada na escola com a cultura familiar. Os ciganos aprendem suas histórias extraídas a partir dos fatos da vida e usam estas histórias no meio em que vivem, valorizam o simbolismo para transmitir valores e construir sua identidade grupal. Lembrando que “o homem brasileiro, urbano ou rural, é um ser contador de histórias e aprende por meio delas” (LIDÓRIO, 2011, p. 161).

Os ciganos são considerados invisíveis na sociedade e só são percebidos na escola quando fazem parte de um quadro negativo, quando repetem o ano ou desistem da escola. Mas o contato com a realidade deste povo mostra que a grande maioria não sabe ler, nem escrever. Aos ciganos interessa somente aprender a ler, a escrever e a fazer contas no mais curto espaço de tempo, porque necessitam da carteira de habilitação e vivem numa economia de mercado.



Outro fator são as discriminações sofridas por serem ciganos, pois normalmente são olhados pelas pessoas nas ruas por onde passam como pessoas maltrapilhas, mal cheirosas e apontadas entre cochichos. Os preconceitos que alcançam professores, educadores, alunos nas escolas expõem as crianças ciganas a humilhação destroem sua auto-estima e as deixam desconfiadas e temerosas em não se relacionar com os não-ciganos e geram ações de agressividade. Os pais alegam não suportar ver seus filhos hostilizados e servindo de curiosidade e deboche para outras crianças e, por vezes até mesmo para os professores. Na escola “há uma violência mais simbólica do que física, que se manifesta de forma sutil e silenciosa”. (MOTA, 2015, p. 76) O desconforto de conviver com o diferente, daquele que não é reconhecido pela sociedade, passa pela incapacidade de ser aceito pelo outro que o ignora, fazendo com que o espaço da escola se torne um ambiente de conflitos diversos como: indisciplina, preconceito, desconforto e exclusão social.

Gabriel (2007, p. 75) traz um relato sobre os conflitos que a crianças enfrentam na escola:

Na escola, a criança experimenta conflitualidade, tanto com outras crianças, como com os professores e até com o pessoal auxiliar de ação educativa, conflitos que têm expressão, muitas vezes, através da agressividade verbal, física ou violência simbólica. Ao viver numa cultura diferente da sua onde as aprendizagens que realizam não são tidas em conta, torna -se mais fácil perceber o absentismo, o insucesso e o abandono escolar entre as crianças da etnia cigana. A gestão que se faz dos conflitos não requer uma atuação homogênea, nem sempre se atua da mesma forma porque nem sempre a situação é igual.

Apesar da existência da lei no Brasil (da Constituição Federal e os Direitos da Criança e dos Adolescentes), e dos direitos educacionais que garante o acesso da criança cigana a escola onde quer que ela se estabeleça, de muito se falar em inclusão social e de igualdade de oportunidades, a realidade é muito diferente.

Na instituição escolar a criança cigana experimenta conflito com as outras crianças não ciganas e com os professores. Experimenta viver uma cultura que não é a sua: a sua língua, os seus hábitos, costumes e tradições são considerados marginais, são estigmatizadas em palavras e atos e nunca tomadas em conta nas aprendizagens que realiza, pois, a imagem dos ciganos foi e é refletida, através de estereótipos e preconceitos já



cristalizados pelo tempo. Segundo Goffman (1975, p. 23), “o estigma ocorre de crenças falsas que são transmitidas pela linguagem”.

O estigma estabelece uma relação impessoal, o outro é visto como uma representação ao acaso de certas características típicas da classe do estigma e não como sujeito com uma individualidade empírica. A sociedade não lhes atribui valor, impõe a perda da sua identidade social, restringem às oportunidades, os esforços e os movimentos para os estigmatizados. Um exemplo claro vem das crenças de que os ciganos são ladrões de cavalos e de mercadorias, que foram criadas no século XVII e perpetuam até os dias de hoje, reafirmando o estigma e estereótipos, denegrindo a imagem dos ciganos e lhes negando outra imagem.

Segundo Teixeira (2008, p. 31):

Durante a maior parte da história brasileira, praticamente só se falou de ciga nos quando sua presença inquietou as autoridades. Isto ocorria, por exemplo, quando eram acusados de roubarem cavalos. Nas poucas vezes que se escrevia sobre aspectos culturais dos ciganos, não havia qualquer interesse sobre como eles próprios viam sua cultura. Os contadores da ordem pública, com os chefes de polícia, os compreendiam como sendo “perturbadores da ordem”, responsáveis pelos mais hediondos crimes. “Outras fontes, como viajantes memorialistas recorriam aos estereótipos corriqueiros, como “sujos”, “trapaceiros” e “ladrões”. (grifo do autor)

Há também, segundo os ciganos mais apegados à tradição, o pensamento de que a escola dos não-ciganos não oferece às crianças ciganas temas que tenham haver com sua realidade e sua cultura, pois ignoram a proposta de vida e as aspirações dos ciganos que diferem bastante das suas. Defendem que é suficiente aprenderem o ofício, o comércio, que o espaço educacional não é o escolar, que viver o fazer faz o saber.

Segundo Mota (2015, p.76):

A escola é um lugar de diversas aprendizagens e abriga, em seu ambiente, diferentes culturas, mas essa socialização não configura a viabilização de acesso ao reconhecimento da diversidade cultural que envolve a comunidade escolar. Compreende-se que a escola pode reafirmar e, de certa forma, reconhecer que os alunos são sujeitos culturais, mas não os reconhece como agentes portadores de culturas distintas, não priorizando práticas pedagógicas que influenciem os estudos da diversidade presente na escola.

Para se propor romper com as barreiras culturais é necessário entender como o povo cigano enxerga o mundo e suas relações sociais e oferecer a eles uma educação



contextualizada, que atenda a suas necessidades. “Cada povo porta em sua visão de mundo uma didática própria para a transmissão de seus conhecimentos às novas gerações. A educação se constitui fator intrínseco à cultura e à sociedade” (FREITAS; QUEIROZ, 2012, p. 238).

Há na educação intercultural a possibilidade um modelo educativo para as crianças ciganas, pois ela traz uma abertura para o diálogo intercultural. “Se não houver uma abertura para o diálogo intercultural, para o reconhecimento e a valorização do outro, será impossível perceber se de fato a prática pedagógica está atendendo aos seus propósitos” (MOTA, 2015, p.108).

Vivendo em tempo de globalização e de uma grande diversidade cultural, não deveria os professores buscarem conhecimentos e competências necessárias para elaborar e produzir materiais educativos adequado para o contexto das crianças ciganas necessárias para se transpor as barreiras da comunicação?

Comunicação é um dos veículos de suma importância para que o ensino-aprendizagem aconteça de forma eficiente atingindo os resultados que se espera. A comunicação no ambiente de ensino-aprendizagem constituído de indivíduos de diferentes culturas e línguas torna -se imprescindível ao alcance dos objetivos almejados em um aprendizado eficaz para a produção de bons resultados (FREITAS; QUEIROZ, 2012, p. 235).

As escolas e educadores parecem não estarem preparados para educação intercultural que a comunidade cigana necessita, as dificuldades dos professores em se relacionarem com o que é diferente (nesse caso, a etnia cigana) partem em primeiro lugar das políticas educativas, falta de informações dos docentes, dos currículos, nos tipos de materiais utilizados, entre outras razões, que são inibidoras da comunicação dos professores com a cultura étnica cigana. De acordo com CARDOSO (2001, p. 71):

Na realidade, a educação intercultural é ainda vista, por muitos, como um conjunto de estratégias educativas para resolver ou atenuar situações problemáticas em contextos problemáticos. Está longe de ser geral a idéia de que a interculturalidade é uma atitude que deve orientar a conduta de todos os cidadãos seja qual for sua etnia, cultura, classe ou estatuto e que é uma condição para vida em sociedade democrática. Enforma as relações entre a diversidade de seres humanos na base do estrito respeito pelas suas identidades.



A educação intercultural deve promover uma valorização de sua cultura através da diversidade que permita a interação dos diversos grupos que compõem a sociedade. Permitir que as minorias adquiram o direito a igualdade, justiça social e da liberdade. No livro *Pedagogia do oprimido* afirma que: “Um método pedagógico de conscientização alcança últimas fronteiras do humano. E como o homem sempre excede o método também o acompanha”. É “a educação como prática da liberdade”. (FIORE; FREIRE, 1987, p. 11).

Na educação intercultural o professor ultrapassa os limites da escola, o ensino é mais que promover a fixação dos termos, ler e escrever; privilegia situações de aprendizagem que possibilitem ao aluno a formação de sua bagagem cognitiva, encontra na história sócio cultural, no meio onde seu aluno vive, seus costumes e língua os meios de transmissão do saber e de refletir e interpretar o mundo. Na visão de Aranha (1989, p. 272) “os educadores devem superar a postura autoritária e, abertos ao diálogo, saber ouvir o próprio povo”.

A educação intercultural utiliza as experiências de vida e busca os mecanismos de aprendizagem que são mais eficazes para o povo. Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* questiona que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Porque não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (1996, p. 30).

Os ciganos manifestam inaptações sociais quando incluídos no espaço social da educação formal e se esquece do seu espaço cultural e étnico. A educação intercultural compreende suas pertencas étnicas através de um modelo centrado na relação dialógica e não na aceitação passiva da diferença, se estabelece na troca de saberes e pressupõe a aceitação, a troca, a interação, crescimento e influência mútua. Lopez (2007) coloca que hoje cresceu número de países que veem a educação intercultural uma “abertura diante das diferenças étnicas, culturais e étnicas, culturais e linguísticas, aceitação positiva da diversidade, respeito mútuo, busca de consenso e, na atualidade, construção de novos modos de relação social e maior democracia”. Há uma possibilidade de transformação, um caminho possível a ser trilhado para a superação dos desafios sociais e educacionais entre os povos que é a educação intercultural.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo o segmento da investigação parte do reconhecimento que a presença do passado no presente, a ligação entre as pessoas e o contexto cultural em que vivem e são educadas vem a ser um elemento essencial na construção de um saber e se torna indispensável para uma melhor compreensão dos indivíduos e seu processo de desenvolvimento cognitivo.

Compreender a identidade étnica onde estão imersas seus marcadores culturais e entre esses tem lugar de destaque a linguagem, são determinantes para o desenvolvimento do saber nas crianças ciganas e seu desempenho escolar. As imagens e estigmas que se construíram acerca dos ciganos tendem a ignorar todos os seus aspectos culturais e a fazer emergir os ciganos como um problema social, o racismo com que se confronta a maior parte das comunidades ciganas os liga a pobreza e exclusão social, negando-lhes o acesso a seus direitos sociais que qualquer cidadão comum tem ou deveria ter, gerando um isolamento e interferência na sua adaptação no sistema escola da educação formal.

Faz-se necessário repensar os desafios e dificuldades no contexto educacional em relação ao povo cigano, oferecendo uma educação diferenciada, que valorize a cultura local respeito à diversidade e as relações de troca realizadas entre os grupos e leve a produção de um saber crítico, liberto de mitos, de preconceitos e discriminação.

A proposta seria um projeto de educação intercultural, que de importância a escolarização como veículo promotor de uma mobilidade sócio-educacional, com atividades extracurriculares, metodologias ativas e participativas, partindo dos principais atores educativos: a criança como educando. Que valorize as diferenças culturais ao nível curricular, sensibilize professores e instituições para as particularidades culturais e promoção da ligação escola-comunidade e família no desenvolvimento destas crianças. Considerando a escola como construção social e não como produto acabado, que alie duas dimensões fundamentais, a ação e a reflexão, pois só refletindo acerca dos problemas e possibilidades é que chegamos à compreensão dos caminhos a percorrer.

A educação deve ser contínua, formativa e formadora, que contemple aquisições de conhecimentos, capacidades e atitudes, interligando o saber, saber fazer e saber ser no



indivíduo. A educação intercultural como resposta à necessidade da prática da liberdade do conhecimento. Para Paulo Freire, o sentido mais exato da alfabetização vai além, é aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história. O que o homem fala e escreve e como fala e escreve, é tudo expressão objetiva de seu espírito. Alfabetizados para escrever seu pensamento. Disse ele: “alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a sua palavra humana imita a palavra divina: é criadora” (FREIRE, 1987, p.20). Pensando no educar como forma de libertação de preconceitos e construção de uma verdadeira consciência, que proporcione aos ciganos um desenvolvimento completo do seu potencial humano e fazer uso do ler e escrever em contextos reais.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Imagined Communities**. Londres: Verso, 1983.
- ARANHA, M. L. de A. **História da Educação**. São Paulo. Moderna, 1989.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.
- BARTH, F. **O Guru, O Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BRASIL. SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Brasil Cigano**. Guia de Políticas Públicas para Povos Ciganos. 2. ed. Brasília/DH: [s/e.], 2014.
- CARDOSO, Carlos. **Que sorte, ciganos na escola!** Lisboa: Comissão Européia, 2001
- CIGANOS. ANTROPOLOGIA. Disponível em: www.antropologiasocial.com.br/antropologia/ciganos. Acesso 29 mai. 2016.
- COSTA, D. R.; QUEIROZ, L. S. O eu e o outro: o processo de ensino-aprendizagem no contexto intercultural. **Antropos: Revista de Antropologia**, v.5, n.8, 2012.
- BRASIL. **Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso 30 abr. 2016.
- FAZITO, D. A Identidade cigana e o efeito de nomeação: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. **Revista de Antropologia**. [Online], v.49, n.2, 2006.



- FONSECA, I. **Enterrem-me em pé: a longa viagem dos ciganos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- FREIRE, Paulo; FIORI, Ernani Maria. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- GABRIEL, F. M.S. **O Multiculturalismo na escola: o caso dos alunos da etnia cigana**. 660f. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais) - Universidade Aberta, Porto, 2007.
- GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.
- GOLDFARB, M. P. L. **Memória e Etnicidade entre os Ciganos Calon em Souza-PB**. João Pessoa: UFPB, 2013.
- GIDDENS. A. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- GUERRA, C. E. **Jovens ciganos olhando para o futuro: Perspectivas sobre expectativas, escolas, recursos e necessidades**. 2012. 86f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia), Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IBGE. Tabela 174. **Municípios, total e com conselhos municipais e comitê, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação**, 2011. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2011/defaulttab_pdf.shtm. Acesso 28 mai. 2016.
- LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à Antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- MARTINEZ, Nicole. **Os Ciganos**. Campinas: Papirus, 1989.
- MYERS, G.; PHILLIPS, D. **Nômades**. Camanducaia: Missão Horizontes, 2003.
- MELO, E. S. S. **“Sou cigano sim!” - identidade e representação: uma etnografia sobre os ciganos na região metropolitana do Recife-PE**. Recife. 2008. 142f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Antropologia – Centro de Filosofia e Ciências Humanas), Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- MELO, F. J. D. de. **Calon de Mambai - a sobrevivência Os Ciganos de sua língua**. Brasília: Thesaurus, 2005.



- MOONEN, F. **Políticas ciganas no Brasil na Europa**: subsídios para encontros congresso ciganos no Brasil. Recife, 2013.
- MOONEN, F. **Rom, Sinti e Calon**: os assim chamados ciganos. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 1999.
- MOTA, M. L. R. **(Re)Conhecer a Cultura Cigana**: uma proposta de inclusão ao currículo escolar em Trindade-GO. Goiás. 2015. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Programa de Pós-graduação em ensino na Educação Básica do Centro de ensino e Pesquisa aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, 215.
- NARAYANAN, V. **Conhecendo o hinduísmo**: origens, crenças, práticas, textos sagrados, lugares sagrados. Petrópolis: Vozes, 2009.
- PEREIRA, C. C. **O Povo Cigano**. Rio de Janeiro: Gráfica MEC e Editora Ltda, 1985.
- SAHLINS, D. M. **Sociedades tribais**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- SCHEPIS, R. M. **Ciganos**: Os filhos Mágicos da Natureza. São Paulo: Madras Editora Ltda, 1996.
- SHIMURA, M. I. **Duvelismo**: Identidade e Pluralidade Religiosa Cigana. Londrina: Descoberta, 2014.
- SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWAD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis,: Vozes, 2014.
- SIMÕES, R. C. F. **Educação cigana**: Entre-lugares entre escola e comunidade étnica. 2007. 113f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- SOUZA, C. J. S. **Relações interétnicas, dinâmicas e sociais e estratégias identitárias de uma família cigana**. 2010. 424f. Trabalho de conclusão de curso (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais e de Gestao, Universidade Aberta, Lisboa, 2010.
- STREIFF-FENART, P. P. **Teorias da Etnicidade**. Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 1998.
- TORRES, R. **Segredos da Magia Cigana**. Rio de Janeiro: Palhas, 2004.
- TEIXEIRA, R. C. **Histórias dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.
- WILKINSON, P. **Guia Ilustrado Zahar - Religiões**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

